

TECNOBUROCRACIA E CONTESTAÇÃO

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Editora Vozes, 1972

I

A Revolução do Nosso Tempo

A PARTIR DE MEADOS DOS ANOS SESSENTA O MUNDO passou a assistir, entre surpreso e atônito, à revolução estudantil. Anteriormente, a participação ativa do estudante na política era uma característica dos países subdesenvolvidos. No Brasil, na Venezuela, na Indonésia, em países desse nível de desenvolvimento, os estudantes podiam ser considerados uma força política ponderável. Faziam greves, passeatas, distribuía manifestos. Constituíam-se, enfim, em um grupo de pressão relativamente respeitável. No Brasil, por exemplo, antes de 1964, os estudantes, através de seus órgãos oficiais de representação, principalmente a UNE, estavam no centro do processo político brasileiro. Muito mais do que os operários ou os camponeses, os estudantes organizavam-se para protestar contra a ordem estabelecida. E não foi por acaso que o grupo mais severamente reprimido, depois da revolução de 1964, tenha sido o dos estudantes.

Recentemente, porém, o problema estudantil universalizou-se e ganhou profundidade. Deixou de ser um problema típico dos países subdesenvolvidos capitalistas para estender-se para todos os países, independentemente de grau de desenvolvimento ou de regime político. Revoltas estudantis espoucaram em países tão diferentes como os Estados Unidos ou a China, a Polônia ou a Bolívia. As manchetes dos jornais passaram a ser dominadas pela revolução estudantil. Certo dia, em uma mesma manchete, lia-se: «Revolta de Estudantes na Polônia, Alemanha,

Bolívia e Itália». O protesto dos estudantes ganhava intensidade e violência. De uma hora para outra milhares de estudantes, até então considerados pacíficos, levantavam-se em rebelião. E a greve já não era mais sua arma preferida. Ao invés, passaram a adotar táticas muito mais efetivas e violentas, que incluíam passeatas, tomadas das universidades, uso de barricadas nas ruas.

E é claro que a revolta estudantil se propagava através do exemplo. Curiosamente, os dois países em que ela inicialmente se manifestou estavam em polos opostos sob todos os sentidos: os Estados Unidos e a China. Nesta, a Revolução Cultural lançada por Mao-Tse-Tung, teve como principais atores os estudantes, os guarda-vermelhos. E em pouco tempo os guarda-vermelhos escaparam ao controle de Mao. Passaram a agir por conta própria. Nos Estados Unidos, cujos estudantes caracterizavam-se especialmente pela apatia política, tivemos de súbito, principalmente na Universidade de Berkeley, um impressionante levante de estudantes. Depois desses dois exemplos, em países-chave do mundo contemporâneo, a rebelião estudantil propagou-se para a Itália, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Argentina e França, nesta última alcançando uma intensidade e violência acima de todas as expectativas, constituindo-se, sem dúvida, na maior crise política por que passou a França desde a subida ao poder de De Gaulle, em 1958.

Qual o sentido deste movimento estudantil que sacode o mundo? Qual sua profundidade? Trata-se de uma mera revolta ou de uma revolução? Seus objetivos são limitados à reforma universitária ou englobam toda a sociedade? E, principalmente, quais são suas causas? Há fatos novos que podem dar um sentido diferente ao movimento estudantil? São estes problemas que pretendemos examinar de forma resumida e exploratória neste trabalho. Pretendemos, nestes termos, desenvolver um esquema de análise do problema que, se for válido, como imaginamos ser, revestir-se-á de uma importância tal, que merecerá uma análise mais profunda.

A tese central deste ensaio é a de que a revolução política radical de nosso tempo é a revolução estudantil, ou melhor, é a revolução dos estudantes e dos intelectuais não-comprometidos. São os estudantes e os intelectuais não-comprometidos o grupo revolucionário por excelência, o meio de cultura de onde poderão germinar a revolução política e a revolução de consciências contra a ordem tecnoburocrática em emergência. Não são mais os operários, como pretendia Marx no século passado, a classe revolucionária. Não é mais do proletariado que se pode esperar a revolução. Esta, quando e se ocorrer, terá origem nos estudantes e nos intelectuais não-comprometidos.

Admitimos que esta é uma tese discutível. Cremos, todavia, que existem boas razões para sustentá-la. Para isto será necessário verificarmos: a) porque a classe operária deixou de ser revolucionária; b) se o grupo estudantil tem objetivos revolucionários; c) quais os fatos novos (causas) que provocaram esta transformação; e finalmente d) se os estudantes têm uma ideologia capaz de orientar sua ação e poder para tornar efetiva a revolução.